

## SAUSSURE, BENVENISTE E A TEORIA DO VALOR: DO VALOR E DO HOMEM NA LÍNGUA

Recebido em 16/06/2008

Aceito em 02/12/2008

Valdir do Nascimento FLORES\*

Marlene TEIXEIRA\*\*

**Resumo:** Este texto busca fazer um estudo que coloca em relação a teoria do valor apresentada no *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure e a teoria da enunciação de Émile Benveniste tal como é apresentada em *Problèmes de linguistique générale I e II*. Objetiva-se precisar os termos pelos quais a noção de *valor* foi lida por Benveniste e em que medida ela ajudou a produzir um campo novo de investigação lingüística.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure; Émile Benveniste; valor, enunciação.

### 1. Para começar, o princípio de leitura

Este texto tem apenas um objetivo: delinear os efeitos que o pensamento de Ferdinand de Saussure teve sobre a chamada teoria da enunciação de Émile Benveniste. Para apresentá-lo adequadamente, não basta enunciar seu propósito. Necessário se faz, ainda, definir os termos pelos quais tal delineamento pode se dar.

Nossa leitura – que, na falta de melhor designação, chamamos de contrastiva – poderia ser feita a partir de inúmeros pontos de vista. Lembremos apenas três: o conceitual – que possibilitaria, por exemplo, precisar usos e definições de termos comuns a ambos os autores –, o epistemológico – que implicaria elucidar aspectos relativos às condições de emergência de cada um dos pensamentos –, o metodológico – que deveria colocar em relevo os limites e o alcance de cada construto teórico com vistas às análises que operam de seus objetos.

Pois bem, nosso ponto de vista é pertinente ao campo do

---

\* Doutor em Letras, professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da UFRGS, pesquisador PQ-CNPQ. [valdirnf@yahoo.com.br](mailto:valdirnf@yahoo.com.br).

\*\* Doutora em Letras, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e no Curso de Letras da UNISINOS (RS). [marlenet@unisinobr](mailto:marlenet@unisinobr)

epistemológico<sup>1</sup>. Na verdade, buscamos precisar os termos da presença da teoria do *valor*<sup>2</sup> apresentada no *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure na teoria benvenistiana. A pergunta que nos conduz, então, é: que efeitos a teoria do *valor*, presente no *Cours de linguistique générale*, teve na teoria de Benveniste?

Que motivos nos levam a iniciar tal percurso teórico? Deixemos essa explicação a um especialista na obra saussuriana. Simon Bouquet, lendo detalhadamente fontes manuscritas de Ferdinand de Saussure e de seus alunos, diz, no prefácio de *Introduction à la lecture de Saussure*, que um dos mal-entendidos existentes em torno da recepção da teoria de Saussure decorre da crença de que « les développements de la science du langage ayant succédé au structuralisme impliquent une rupture avec l'épistémologie saussurienne – ou, au moins, avec certains aspects de cette épistémologie »<sup>3</sup> (p. VI).

Na opinião de Bouquet « le linguiste genevois anticipe les développements de la linguistique qui se produiront en réaction à la linguistique qui s'est réclamée de lui »<sup>4</sup> (Idem).

Admitido esse raciocínio de Simon Bouquet, não poderíamos mais dizer que a lingüística conhecida como pós-saussuriana teria se desenvolvido como uma reação ao que consta do *Cours de linguistique générale*, em especial, como uma reação às exclusões efetuadas por este.

Mais adiante em seu livro, Simon Bouquet volta ao tema, recolocando-o, agora, em forma de pergunta e nominando os campos teóricos que teriam dado voz à suposta “ruptura epistemológica” da lingüística pós-saussuriana com Saussure:

« Peut-on dire, face à sa théorie syntagmatique de la valeur, que, de par sa non-élaboration de la notion de 'parole' (ou de 'discours'), Saussure a manqué, dans son programme, à poser les concepts épistémologiques propres à permettre des théories de la compétence syntaxique, de la pragmatique linguistique ou de l'analyse du discours ? » (p. 345)<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Dada a natureza deste trabalho, achamos mais adequado que todas as citações feitas no corpo do texto fossem colhidas nas fontes originais, ou seja, na língua em que foram, primeiramente, escritas. Para o caso de haver tradução publicada no Brasil, optamos por colocar a tradução em nota. Para os demais casos, propomos uma tradução também em nota.

<sup>2</sup> Tomaremos o conhecimento sobre a teoria do valor como um *a priori* a partir do qual nosso texto deve ser lido. Parte dela pode ser encontrada nos capítulos III, IV e V do *Cours de linguistique générale*. A versão aqui trabalhada é a *Édition critique préparée par Tullio de Mauro* e publicada, na França, pela editora Payot em 1972.

<sup>3</sup> “O desenvolvimento da ciência da linguagem, tendo sucedido ao estruturalismo, implica uma ruptura com a epistemologia saussuriana – ou, pelo menos, com certos aspectos dela.” (Bouquet, 2000, p. 17).

<sup>4</sup> “o lingüista genebrino antecipa os desenvolvimentos da lingüística que surgiram como reação à lingüística que a ele se deve.” (Bouquet, 2000, p. 17).

<sup>5</sup> “Podemos dizer, face à sua teoria sintagmática do valor, que, devido à não elaboração da noção de ‘fala’ (ou de ‘discurso’), Saussure deixou, em seu programa, de colocar conceitos

Em resposta diz Bouquet que:

« C'est tout le contraire: son concept de 'valeur *in praesentia*' dessine le programme de ces linguistiques. Aussi, si d'autres – que ce soient des syntacticiens, des sémanticiens ou des pragmaticiens – ont thématisé des concepts épistémologiques liés à cette valeur *in praesentia* qui n'apparaissent pas dans le *Cours* et qui n'apparaissent qu'en pointillé dans les textes originaux, il serait injustifié qu'ils en sachent mauvais gré au maître genevois et revendiquent ici une rupture d'avec son programme épistémologique... »<sup>6</sup> (idem)

E, finalmente, afirma « il est aisé de montrer que leur linguistique s'est, au contraire, essentiellement bâtie sur ce programme »<sup>7</sup> (idem).

Isso posto<sup>8</sup>, cabe perguntar: por que recorremos inicialmente a Simon Bouquet – autor reconhecido por valorizar as fontes manuscritas em detrimento do que coloca o *Cours de linguistique générale* – se nosso propósito é exatamente refletir em torno da influência que a teoria do valor, que está presente no *Cours*, teve sobre a teoria de Benveniste?

Em resposta, diríamos que somos conscientes que Simon Bouquet radicaliza sua interpretação das idéias de Saussure, colocando-se de um ponto de vista que acaba minimizando a importância do *Cours*. No entanto, seu raciocínio – em especial o lado “menos engajado” de sua tese – permite-nos construir um argumento segundo o qual é possível identificar em Saussure elementos do que constitui a lingüística que lhe é posterior. Isso o alça à posição de condição de possibilidade da lingüística que veio a se constituir. Acreditamos que esse aspecto “fundador” pode ser estendido ao *Cours*.

De certa maneira, nossa posição encontra maior eco nas palavras de Silveira (2007, p. 47), quando a autora, lendo em detalhe o *Cours*, considera que a *originalidade da teoria do valor nos estudos lingüísticos* é marca suficiente

---

epistemológicos que permitiriam teorias da competência sintática, da pragmática lingüística ou da análise do discurso?” (Bouquet, 2000, p. 280).

<sup>6</sup> “Ao contrário: seu conceito de 'valor *in praesentia*' delinea o programa dessas lingüísticas. Além disso, se outros – sejam eles semanticistas, sintaticistas ou pragmáticos – tematizaram conceitos epistemológicos ligados a esse valor *in praesentia*, conceitos que não aparecem no *Cours* e que aparecem apenas de maneira implícita nos textos originais, não seria justo ficarem descontentes com o mestre genebrino e reivindicarem aí uma ruptura com seu programa epistemológico...” (Bouquet, 2000, p. 280).

<sup>7</sup> “é fácil mostrar que sua lingüística é, ao contrário, essencialmente construída sobre esse programa.” (Bouquet, 2000, p. 280).

<sup>8</sup> Nosso interesse nas observações de Bouquet é de natureza heurística, portanto, não nos cabe avaliar se as afirmações feitas por Simon Bouquet são excessivas ou não, principalmente, quando, em outros momentos de seu livro, ele considera que os desenvolvimentos teóricos posteriores a Saussure – da Pragmática, da Análise do Discurso e mesmo da Gramática Gerativa – seriam, estritamente falando, a continuidade de um programa que já estaria contido na teoria de Saussure, o que Bouquet denomina de “epistemologia programática”.

para sustentar uma interpretação do *Cours* de forma a considerá-lo portador das marcas de Saussure.

Nosso ponto de partida pode, então, ser assim enunciado: Saussure é a condição de possibilidade – poderíamos até dizer a condição de enunciação – do desenvolvimento da lingüística do século XX. O tratamento que daremos a esse aspecto está circunscrito à relação entre a teoria do valor de Ferdinand de Saussure, presente no *Cours*, e a teoria da enunciação de Emile Benveniste.

## 2. Saussure gerou Benveniste?

Colocar Saussure e Benveniste em relação é já senso comum na história das idéias lingüísticas.

Claudine Normand, em um belo texto publicado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, intitulado *Saussure-Benveniste* – e o hífen deve aqui ser entendido como traço de união e não de separação – relembra cinco tipos de discurso dentro dos quais as relações entre Saussure e Benveniste são, comumente, tomadas.

- a) O discurso da filiação, da transmissão, da escola;
- b) O discurso da novidade;
- c) O discurso da comparação
- d) O discurso em relação à interdisciplinaridade
- e) O discurso em relação à instituição universitária

No primeiro, ela localiza a idéia da continuidade da história traduzível pela expressão “Saussure *genuit* Benveniste”<sup>9</sup> (Normand, 2004, p. 125).

No segundo, Normand vê abrigada a idéia do nascimento de uma *lingüística diferente*. Por esse viés, Benveniste é aquele que teria dado à lingüística *a subjetividade, o mundo e o discurso que o contém*. Benveniste “... a renoué avec la philosophie et rencontré la psychologie sociale et la pragmatique, il a retrouvé la vertu du dialogue et de l’interaction. Enfin une linguistique différente ! »<sup>10</sup> (p. 126).

No terceiro, é possível encontrar a idéia da *influência*. Saussure *influenciou* Benveniste. Por esse prisma “Saussure a donné les principes, les thèmes, la méthode ; Benveniste l’a appliqué dans ses analyses concrètes qui ont radicalement transformé (ou simplement enrichi) les descriptions comparatistes...”<sup>11</sup> (p. 126). Nesse caso, teríamos : *Benveniste é o mais saussuriano dos lingüistas*.

O quarto discurso permite localizar a prática de ambos. Saussure é

---

<sup>9</sup> “Saussure gerou Benveniste.” (Normand, 2006a, p. 14).

<sup>10</sup> “... reatou com a filosofia, encontrou a psicologia social e a pragmática; reencontrou a virtude do diálogo e da interação. Enfim, uma lingüística diferente!” (Normand, 2006a, p. 14)

<sup>11</sup> “Saussure deu os princípios, os temas e o método: Benveniste os aplicou em análises concretas que transformaram radicalmente (ou simplesmente enriqueceram) as descrições comparatistas.” (Normand, 2006a, p. 14)

aquele que delimitou a lingüística e a distinguiu das outras ciências; Benveniste é aquele que *se dirige aos sociólogos, aos filósofos e também aos psicanalistas*.

O quinto e último discurso permite a Claudine Normand falar da posição que ambos ocuparam na instituição universitária. Para os dois, o mesmo destino: a consagração e a notoriedade acompanhadas de uma *solidão intelectual*.

Como se pode facilmente deduzir, Normand não endossa nenhum dos discursos acima e propõe-se a falar de “encontros” (*rencontres*). Para Normand, Benveniste encontrou Saussure. Nós também falaremos do encontro entre Saussure e Benveniste a partir do ponto que, parece, é de suma importância para ambos: a noção de valor. Não mais influência, transmissão, dependência, ou qualquer outra palavra qualificativa. Saussure não gerou Benveniste, este o encontrou.

### 3. O que se diz sobre Saussure-Benveniste?

Saussure e Benveniste, assim coordenados, são uma ordem imposta pela cronologia que suscita nos lingüistas o desejo de narrar. E, sabemos, há várias versões dessa narrativa. Tomemos algumas como exemplo.

Começemos com um especialista incisivo: Simon Bouquet. Para ele, « De fait, en raison de sa [de Benveniste] méconnaissance des textes originaux – (...) – la distinction qu’il propose entre ‘sémiotique’ et ‘sémantique’, loin d’être un ‘dépassement’ de Saussure, serait plutôt l’expression de sa théorie d’une valeur *in absentia* liée à une valeur *in praesentia*. »<sup>12</sup> (p. 328-329n).

Bouquet, nessa citação, responde a sua maneira nossa questão de base neste texto: a dicotomia semiótico/semântico é apenas a expressão da teoria saussuriana do valor *in absentia*. Em outras palavras: Benveniste nada criou; tudo o que ele escreveu já estava em Saussure. Nem mesmo a propalada distinção semiótico/semântico pode ser atribuída a Benveniste; ele apenas soube ler bem o mestre.

Bouquet explica isso em apenas cinco momentos de seu livro. Ora, para falar de um bom leitor não é necessário mais que isso. Lembremos, então, somente um desses momentos: a propósito do uso do termo *sintagmação* (*syntagmation*) utilizado por Benveniste, quando da análise dos verbos auxiliares em francês em casos como os do verbo *avoir* em construções do tipo *j’ai perdu*, diz Bouquet: « Ce terme est emprunté à Émile Benveniste qui, sans avoir lu les textes originaux saussuriens, est un interprète fidèle de la pensée du linguiste genevois... »<sup>13</sup> (p. 328n). E acrescenta: « Si le terme de

<sup>12</sup> “De fato, em razão do desconhecimento dos textos originais (...) a distinção que ele propõe entre ‘semiótica’ e ‘semântica’, longe de ser um progresso em relação a Saussure, é sobretudo a expressão de sua teoria de um valor *in absentia* ligado a um valor *in praesentia*.” (Bouquet, 2000, p. 268n).

<sup>13</sup> “Esse termo é tomado emprestado de Émile Benveniste que, sem ter lido os textos originais saussurianos, é um intérprete fiel do pensamento do lingüista genebrino.” (Bouquet, 2000, p. 268n).

*syntagmation* est de Benveniste, fondé sur un concept théorique inspiré à ce dernier par Saussure, le fait de la syntagmation traverse toutes les théories du langage »<sup>14</sup> (p. 329n)

Conclusão : nem semiótico, nem semântico, nem *sintagmação*. Benveniste é tão-somente um *intérprete fiel do lingüista genebrino*.

Mas há outros especialistas: Claudine Normand, por exemplo. Diz ela: “... longe de se desfazer das oposições saussurianas, ele [Benveniste] as complica, as reformula, constrói outras...” (1996b, p. 139). Citemo-la longamente ainda:

“Il y a bien un ordre des signes, cet ordre différent de celui de la nature ou de la rationalité, **mais il n’est pas sans rapport avec la substance, ingrédient inséparable du sujet vivant et du monde de son expérience** (son *Umwelt* sans doute) (Normand, 2004, p. 130)<sup>15</sup> [grifos nossos]

Ao que acrescenta Normand:

« **Ici Benveniste se sépare, sans le dire, de Saussure**. Il nous dit qu’il est seulement question d’aller plus loin’ dans l’étude de la signification ; de fait on peut penser qu’il va ailleurs : retour à une phénoménologie qu’un structuralisme méthodologique n’avait pas recouverte, ouverture à des descriptions intégrant les traces de la subjectivité dans les énoncés et sa présence active dans toute l’énonciation. »<sup>16</sup> (Normand, 2004, p. 130)

Enfim, Benveniste, aos olhos de Claudine Normand, concilia a primazia da *langue* com a singularidade do sujeito, com uma análise em que *semântico* e *semiótico* estão implicados.

#### 4. Do valor e do homem na língua

Este título, que reproduz, parcialmente, o título geral deste artigo, condensa a idéia que queremos desenvolver aqui. A expressão *o homem na língua* usada por Benveniste para nomear a quinta parte de seus *Problèmes de linguistique générale I e II* é um dos pontos de encontro com a teoria do *valor* desenvolvida por Ferdinand de Saussure em seu *Cours de linguistique générale*.

<sup>14</sup> “se o termo *sintagmação* é de Benveniste, baseado num conceito teórico inspirado a este último por Saussure, o fato da *sintagmação* atravessa todas as teorias da linguagem.” (Bouquet, 2000, p. 268n).

<sup>15</sup> “Sem dúvida, existe uma ordem dos signos, diferente daquela da natureza e da racionalidade, mas não sem relação com a substância, ingrediente inseparável do sujeito vivo e do mundo de sua experiência (seu *Umwelt*, certamente)” (Normand, 2006a, p. 19)

<sup>16</sup> “Aqui Benveniste separa-se, sem o declarar, de Saussure. Ele nos diz que se trata somente de ‘ir além’ no estudo da significação; na realidade, pode-se pensar que ele vai a outro lugar: retorno a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha encoberto, abertura para descrições integrando traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em toda enunciação.” (Normand, 2006a, p. 19).

Começamos com o *homem na língua*. Como é sabido, os *Problemas I* e *II* de Benveniste são divididos em seis partes. Os dois tomos têm as mesmas divisões, identicamente intituladas em ambos os casos. No *Avant-propos* do *Problèmes II* é explicado que tal divisão fora proposta pelo próprio Benveniste.

A publicação do primeiro volume é datada de 1966. O segundo volume veio a público apenas em 1974, dois anos antes da morte de Benveniste, ocorrida em 1976. O *Avant-propos* do *Problèmes I* é assinado por Benveniste; o do *Problèmes II* é assinado por M. Dj. Moinfar que apresenta os motivos que justificaram a emergência do segundo volume, mesmo não tendo este recebido a supervisão direta de Benveniste<sup>17</sup>.

Falemos, especificamente, sobre a parte “O homem na língua”. Chama a atenção que Benveniste, no *Avant-propos* do *Problèmes I*, chame-a de “O homem na linguagem”. Diz Benveniste: “‘L’homme dans le **langage**’ est le titre de la partie suivante”<sup>18</sup> (*Avant-propos*) [grifo nosso]. A pergunta que cabe, aqui, é: a que se deve este “engano” de Benveniste? Por que oscila ele entre *língua* (a palavra que efetivamente aparece no sumário) e *linguagem* (a palavra que aparece no *Avant-propos*) para nomear a parte de seu livro que reflete sobre a subjetividade/intersubjetividade?

Pensamos que esse “engano” sugere que as noções de *língua* e *linguagem* – mas também a de *línguas* – são de suma importância no pensamento de Benveniste e que todas são relevantes para o autor. Benveniste interessa-se pela linguagem, pela língua e pelas línguas simultaneamente.

Tomemos apenas um exemplo: o artigo *Da subjetividade na linguagem*, datado de 1958, presente no *Problèmes I*. A intersubjetividade/subjetividade ali estudada inclui a ordem da *linguagem* – o título já atesta isso –, a ordem da *língua* – já que a análise conclui em favor de uma generalização sistêmica da oposição *pessoal não-pessoa* – e a ordem das *línguas* – já que há análises de inúmeras línguas (o francês, certamente, mas também as línguas do extremo oriente das quais Benveniste era profundo conhecedor<sup>19</sup>). Talvez, então, o mais adequado seja supor que Benveniste fala em “homem na língua”, mas também “na linguagem”, já que isso é sobejamente mostrado nas análises que faz “das línguas”.

Isso posto, certamente, o leitor atento diria que temos aqui mais uma diferença do que uma semelhança entre Saussure e Benveniste. Se para Benveniste *língua*, *linguagem* e *línguas* têm igual importância, mesmo que sejam de diferentes estatutos, então isto o afastaria de Saussure, já que, como se sabe, este teria privilegiado a *langue*.

---

<sup>17</sup> Ao lembrarmos esse contexto, queremos sugerir que a organização do *Problèmes II*, mesmo que siga a divisão sugerida por Benveniste, tem especificidades se comparada à organização dos *Problèmes I*. Isso talvez justifique, por exemplo, o fato de o famoso “O aparelho formal da enunciação”, do segundo volume, não integrar a parte intitulada “O homem na língua”.

<sup>18</sup> “‘O homem na linguagem’ é o título da parte seguinte.” (Benveniste 1988, prefácio).

<sup>19</sup> Benveniste é judeu sefaradita nascido em Alep, Síria, e naturalizado francês.

Não pensamos assim e, conforme procuraremos demonstrar, a lingüística de Benveniste conserva muitos aspectos oriundos da lingüística saussuriana. O principal deles é, sem dúvida, a noção de *sistema*, chamada *estrutura* pelos pós-saussurianos, e, por essa, a noção de *valor*.

No conjunto da obra de Émile Benveniste, de um lado, há textos que criticam a confusão, corrente à época, entre a noção de *estrutura* e a de *sistema*. Exemplos dessa crítica são os capítulos “‘Estrutura’ em lingüística”, de 1962, e “Estruturalismo e lingüística”, de 1968, presentes em *Problèmes I e II*, respectivamente. De outro lado, percebe-se em Benveniste grande interesse pelo método estruturalista, em especial pelo que ele poderia renovar do comparativismo.

A distinção entre *sistema* e *estrutura* é cara a Benveniste e, em seus trabalhos relativos à *enunciação*, encontramos grande ênfase na noção de *sistema*, a única realmente utilizada por Saussure. Para os trabalhos sobre *enunciação* é o conceito de *sistema* que mais interessa a Benveniste, mesmo que, para os trabalhos ligados ao comparativismo, percebamos forte influência da noção pós-saussuriana de *estrutura*.

Aya Ono, no excelente *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, nomeia um item de seu livro de « Benveniste lecteur de Saussure »<sup>20</sup>. Nele, a autora corrobora a interpretação que fazemos acerca da pertinência da noção de *sistema* para Benveniste, além de acrescentar uma reflexão específica sobre a importância da noção saussuriana de *valor* para Benveniste a partir da distinção entre *langue* e *parole*.

Ono (2007) detém-se no livro *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* de Benveniste especialmente no capítulo dedicado à formação dos nomes homéricos em *sis*. Diz Benveniste:

“Il importe de veiller aux confusions qui risquent toujours de s'établir entre 'langue' et 'parole', entre **la valeur propre d'une formation – valeur stable et généralement simple – et les acceptions multiples qu'elles reçoit des circonstances de l'emploi** »<sup>21</sup> (Benveniste, 1975, p. 84) [grifos nossos]

Ora, o que parece saltar aos olhos aqui é que a diferença que Benveniste vê entre *langue* e *parole* é associável à diferença entre *valeur* e *circonstances de l'emploi*. Para Ono “... on remarquera l'utilisation de *valeur* au sens saussurien. Cette notion linguistique se définit, chez Benveniste comme chez Saussure, par rapport à d'autres notions du même système, à l'intérieur de ce système »<sup>22</sup>

<sup>20</sup> “Benveniste leitor de Saussure”. (Tradução nossa).

<sup>21</sup> “É importante prestar bastante atenção às confusões que sempre podem se estabelecer entre ‘língua’ e ‘fala’, entre **o próprio valor de uma formação - valor estável e geralmente simples - e as múltiplas acepções que ela recebe das circunstâncias de uso**”. (Tradução nossa).

<sup>22</sup> “... observaremos a utilização de *valor* no sentido saussuriano. Essa noção lingüística se define, tanto em Benveniste quanto em Saussure, em relação a outras noções do mesmo sistema, ao interior desse sistema”. (Tradução nossa).



(Ono, 2007, p. 119) Para ela, « la 'valeur' du mot dans la 'langue est envisagée comme une signification détachée de la situation discursive : celle-ci influence le sens de l'emploi en rapport avec l'instance de discours »<sup>23</sup> (Ono, 2007, p. 119-120). Em resumo: o sentido da língua se dá a partir das acepções da fala.

O que nos interessa dessa reflexão é situar uma interdependência entre *langue* e *parole* que, em Benveniste, recebe a forma de um princípio: o de que se deve partir dos fatos da *parole* para atingir o sistema da *langue* e que nesta está contido o uso que aquela promove.

Isso é perceptível em várias passagens da obra de Benveniste. Por exemplo: em *La forme et le sens dans le langage*, texto de 1967, Benveniste diz a respeito do signo e do nível semiótico:

« ... ce que le signe signifie n'a pas à être défini. Pour qu'un signe existe, il faut et il suffit qu'il soit reçu et qu'il se relie d'une manière ou d'une autre à d'autres signes. L'entité considérée signifie-t-elle? La réponse est oui, ou non. Si c'est oui, tout est dit, on l'enregistre ; si c'est non, on la rejette, et tout est dit aussi. 'Chapeau' existe-t-il ? – Oui. – 'Chameau' ? – Oui. – 'Chareau' ? – Non. »<sup>24</sup> (Benveniste, 1974, p. 222)

Ora, nesse caso, a existência ou não do signo e de seu sentido está diretamente na dependência de que ele possa ser usado por aqueles que falam a língua, aqueles para quem uma língua é a língua, ou seja, para o sujeito:

« Et ce oui ou non ne peut être prononcé que par ceux qui manient la langue, ceux pour qui cette langue est *la langue* tout court. »<sup>25</sup> (Benveniste, 1974, p. 222)

Isso se coaduna com o que diz Ono a respeito da relação entre valor e circunstâncias de emprego. Em Benveniste, o significado do signo lingüístico comporta a noção de uso da língua, logo o *valor*, inerente ao sistema que é, decorre da influência que o uso tem sobre esse sistema. Diz ele:

« Nous élevons donc **la notion d'usage et de compréhension de la langue à la hauteur d'un principe de discrimination, d'une critère.** »<sup>26</sup> (Benveniste, 1974, p. 222)

---

<sup>23</sup> “o 'valor' da palavra na 'língua' é considerado como uma significação separada da situação discursiva; esta influencia o sentido do uso em relação à instância de discurso”. (Tradução nossa).

<sup>24</sup> “... o que o signo significa não dá para ser definido. Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e ele se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. A entidade considerada significa? A resposta é sim, ou não. Se sim, tudo está dito e registre-se; se é não, rejeitemo-la e tudo está dito também. 'Chapéu' existe? Sim. 'Chaméu' existe? Não.” Benveniste, 1989, p. 227).

<sup>25</sup> “e este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aquele para os quais esta língua é *a língua* e nada mais.” (Benveniste, 1989, p. 227)

<sup>26</sup> “Nós erigimos, desta forma, a noção de uso e de compreensão da língua como um princípio de discriminação, um critério.” (Benveniste, 1989, p. 227).

Benveniste chega, por esse viés, à noção de uso da língua, ou seja:

« C'est dans l'usage de la langue qu'une signe a existence ; ce qui n'entre pas dans l'usage de la langue n'est pas un signe, et à la lettre n'existe pas. Il n'y a pas d'état intermédiaire ; on est dans la langue ou hors de la langue, 'tertium non datur' »<sup>27</sup> (Benveniste, 1974, p. 222)

Assim, o *homem está na língua* e a própria noção de *valor* é testemunho disso. O *valor* é correlativo ao uso da língua e o uso é uma das marcas do sujeito na língua.

## 5. É tempo de concluir

Para além de assumir, ou não, uma posição que defenderia, ou não, que Benveniste “foi além” de Saussure, nosso propósito aqui foi de outra natureza. Tentamos mostrar como o encontro de Benveniste com Saussure foi responsável pela produção de algo novo.

A teoria saussuriana do *valor* foi relida por Benveniste a partir da idéia de uso. Parece, então, possível insistir que a dicotomia língua/fala tem outro estatuto na teoria benvenistiana, embora não contrário ao que formulou Saussure. Em Benveniste, não se trata mais de distinguir língua e fala, mas de ver que a língua comporta a fala e vice-versa. E talvez isso esteja, mesmo que de forma embrionária, no próprio *Cours*, quando Saussure aborda as relações sintagmáticas como pertencentes ao discurso, no capítulo V da *Segunda parte*.

Talvez tenha sido precisamente esse realinhamento das noções de língua/fala que Benveniste tenha feito a partir da leitura do *Cours*. Se Saussure concedia à língua um *status* de maior relevância, Benveniste coloca de novo a fala na ordem do dia. E é o próprio Saussure quem autoriza este olhar, ao conceber a língua e a fala como dois planos constituintes da linguagem. A idéia de conceber um lugar em que ambas estejam integradas já está em Saussure.

Admitido esse raciocínio, o objeto da lingüística de Benveniste aparece como não redutível à língua como sistema, mas também não identificado à fala como o uso individual do sistema. As categorias de tempo, espaço e pessoa, por exemplo, não são elementos que se somam à língua, mas que a constituem sem, no entanto, existirem independentemente do uso que se faz delas.

A palavra final deixamos à Claudine Normand, profunda conhecedora de ambos e que tão bem sabe lê-los:

« Plus que de références il s'agira de présences : tous deux se sont imposés et s'imposent encore aujourd'hui à qui s'intéresse au langage ;

---

<sup>27</sup> “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua, 'tertium non datur'” (Benveniste, 1989, p. 227).

chacun a fait pressentir, plus qu'il ne l'a révélé, que quelque chose d'essentiel se jouait là, dans ce qu'on ne s'accorde toujours pas à nommer : langue, discours, communication... Ils nous ont éveillés du sommeil dogmatique en ouvrant des questions qui, malgré leurs tentatives et toutes celles qui ont suivi, ne sont pas refermées ; blessures narcissiques, aurait pu dire Freud : nous ne savons toujours pas ce qui parle en nous et ils sont une des sources de cette incertitude »<sup>28</sup> (Normand, 2004, p. 126-127)

## **FLORES, V. N., TEIXEIRA, M. SAUSSURE, BENVENISTE AND THE THEORY OF VALUE: ON VALUE AND ON MAN IN THE LANGUAGE**

**Abstract:** *This text seeks to carry out a study that relates the theory of value, presented in Ferdinand de Saussure's *Cours de linguistique générale* and Émile Benveniste's theory of Enunciation, as it is presented in *Problèmes de linguistique générale I and II*. The objective is to precise the terms through which the notion of value was read by Benveniste and in what measure he helped to produce a new field of linguistic investigation.*

**Key-words:** *Ferdinand de Saussure; Émile Benveniste; value; enunciation*

### **Bibliografia**

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris : Librairie d'Amérique et d'Orient, 1975.

\_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II* Campinas, SP: Pontes, 1989.

BOUQUET, Simon. *Introduction à lecture de Saussure*. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2007.

---

<sup>28</sup> “Mais do que referências, tratam-se de presenças: todos os dois se impuseram e continuam se impondo ainda hoje a quem se interessa pela linguagem; cada um fez pressentir, mais do que revelar, que alguma coisa essencial estava em jogo naquilo que ainda não se entrou acordou (sic) em nomear: língua, discurso, comunicação... Eles nos acordaram do sonho dogmático, colocando questões que, apesar de suas tentativas e de todos aqueles que se seguiram, ainda não estão fechadas. Freud teria dito feridas narcísicas, pois continuamos a não saber o que fala em nós, e eles são uma das fontes dessa incerteza.” (Normand, 2006a, p. 15).

\_\_\_\_\_. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo : Cultrix, 2000. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco.

NORMAND, Claudine. *Saussure-Benveniste*. In : *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Genève : Librairie Droz S.A., 2004 (p. 125-131).

\_\_\_\_\_. Saussure-Benveniste. In: GIACOMELLI, Karina e PIRES, Vera Lúcia. (Orgs.) *Émile Benveniste: interfaces, Enunciação & Discursos*. Santa Maria, RS: PPGL- Editores, 1996a. Trad. de Carmem Deleacil Ribeiro Nassar.

\_\_\_\_\_. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.L.; PARLATO, E.M.; RABELLO, S. (orgs.) *O Falar da Linguagem* (Série linguagem). São Paulo: Lovise, 1996b.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale. Éditions critique préparée par Tullio de Mauro*. Paris : Payot, 1976.

SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.